



Em  Sociedade

Infraestrutura escolar e desempenho dos alunos: um estudo de caso em escolas públicas da RMBH

*Cecília Coutinho de Miranda¹
Flavia Pereira Xavier²*

¹ Doutoranda em Educação pela Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Programa de Pós-Graduação em Educação, Belo Horizonte, MG, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-9123-2207>; e-mail: ceciliacmiranda@ufmg.br.

² Doutora em Sociologia pela Universidade Federal de Minas Gerais, Faculdade de Educação, Departamento de Ciências Aplicadas à Educação, Belo Horizonte, MG, Brasil; <https://orcid.org/0000-0002-8609-2756>; e-mail: flavia.xavier.ufmg@gmail.com.



Resumo

O objetivo deste artigo é investigar a percepção da comunidade escolar sobre a relação entre a infraestrutura escolar e o desempenho dos alunos. Com base em dados secundários, foram selecionadas para o estudo de caso, quatro escolas na Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) de nível socioeconômico semelhante e indicadores de infraestrutura com melhores e piores condições. Foram realizadas entrevistas com diretores e professores, além de grupo focal com os alunos. Os resultados evidenciaram que os diretores e os professores percebem forte associação entre infraestrutura e desempenho. Apesar de já conhecida na literatura, essa relação ainda é pouco compreendida nas práticas pedagógicas. Portanto, este trabalho contribui com essa compreensão, revelando como o uso dos recursos escolares se converte em vantagens, em termos de aprendizagem.

Palavras-chave: infraestrutura escolar; desempenho escolar; desigualdades escolares; indicadores educacionais.

Abstract

The objective of this article is to investigate the school community's perception of the relationship between school infrastructure and student performance. Based on secondary data, four schools in the Metropolitan Region of Belo Horizonte (RMBH) of similar socioeconomic level and infrastructure indicators with better and worse conditions were selected for the case study. Interviews were carried out with principals and teachers, in addition to a focus group with students. The results showed that principals and teachers perceive a strong association between infrastructure and performance. Although already known in the literature, this relationship is still poorly understood in pedagogical practices. Therefore, this work contributes to this understanding, revealing how the use of school resources turns into advantages in terms of learning for students.

Keywords: School infrastructure; School performance; School inequalities; Educational indicators.



INTRODUÇÃO

A literatura educacional reconhece três grupos de fatores associados ao desempenho acadêmico: o aluno, a família e a escola. As desigualdades no meio educacional foram amplamente evidenciadas a partir da persistente associação entre a origem socioeconômica e cultural das famílias e o sucesso escolar dos filhos (Bourdieu; Passeron, 1975; Coleman *et al.*, 1966). Mas também há uma ampla literatura que mostra que aspectos relacionados à qualidade da oferta escolar como financiamento, recursos, formação de professores e infraestrutura são importantes para explicar a variação de desempenho, especialmente em países desiguais como o Brasil (Alvez, *et al.*, 2017; Soares Neto *et al.*, 2013; Simielli, 2017; Unesco, 2019).

A infraestrutura escolar é o foco deste artigo, insumo cuja distribuição no território nacional apresenta um padrão bastante díspar, porque depende do financiamento público, que varia muito entre estados e municípios. A pandemia de covid-19 evidenciou o que as pesquisas há muito apresentavam sobre a distribuição desigual desse fator: a maior parte dos municípios não alcançaram níveis elevados de infraestrutura escolar e uma parcela significativa de escolas carecem de condições mais básicas, como acesso aos serviços público de abastecimento de água e esgoto e a existência de banheiro nas dependências internas das escolas.

A oferta de escolas com ambientes adequados, acessíveis e recursos pedagógicos que atendam a todos os estudantes indistintamente apresenta-se como uma condição básica para o exercício de um trabalho educacional de qualidade (Unesco, 2019). Essa condição é reconhecida tanto no debate global quanto nas políticas públicas nacionais.

No âmbito global, o país é signatário da Agenda 2030 para o Desenvolvimento Sustentável, aprovada em 2015 no Fórum Mundial de Educação. A melhoria da infraestrutura das escolas é uma das metas da Agenda e seu Objetivo 4 recomenda aos governos que se comprometam a construir e melhorar as instalações físicas, propiciando um ambiente de aprendizagem seguro, inclusivo e eficaz para todos (Unesco, 2015). O Plano Nacional de Educação (PNE), aprovado em 2014 com prazo de execução até 2024, encontra-se em consonância com esse objetivo e prevê a melhoria da infraestrutura das escolas em várias de suas estratégias, a fim de assegurar as condições de ensino e aprendizagem aos estudantes.

Tendo como hipótese que a simples existência dos recursos escolares não é condição suficiente para fazer diferença na vida acadêmica dos alunos, dependendo também do seu uso pedagógico, o presente trabalho propõe a realização de um estudo de caso. Por meio dele, será



possível extrapolar a condição objetiva da infraestrutura, medida por meio de dados secundários, e captar a percepção da comunidade escolar sobre ela.

A ideia de percepção, que se busca incorporar nesta pesquisa, é a de pensar a infraestrutura não só como um insumo, componente da oferta educativa, mas também como um processo na escola, ou seja, como um fator mediador para o processo de ensino-aprendizagem. Assim, investiga-se a relação desse usuário, seja ele o diretor, o professor ou o aluno, com a infraestrutura existente na escola.

Dentre os objetivos específicos da pesquisa, estão: (1) caracterizar as escolas da Região Metropolitana de Belo Horizonte (RMBH) em termos de nível socioeconômico e infraestrutura; e (2) investigar a percepção da infraestrutura segundo o diretor, o professor e o aluno. Para isso, serão utilizados dados secundários provenientes do Censo da Educação Básica (Censo Escolar) e do Sistema de Avaliação da Educação Básica (Saeb).

Este trabalho está organizado em cinco seções. Após esta introdução, é apresentada a revisão da literatura constituída por uma contextualização do tema a ser tratado, com ênfase para a infraestrutura como um fator de eficácia escolar. A terceira seção descreve os procedimentos metodológicos e os resultados obtidos. Optou-se por essa organização a fim de facilitar para o leitor a compreensão do desenho da pesquisa. Nas considerações finais, faz-se uma breve retomada de questões centrais discutidas ao longo do texto e alguns apontamentos para pesquisas futuras.

REVISÃO DA LITERATURA

O conceito de infraestrutura em educação, como vários outros utilizados na pesquisa social, é polissêmico e deriva sempre da empiria, ou seja, dos dados disponíveis para mensuração (Unesco, 2019). A infraestrutura, por vezes, se relaciona aos espaços físicos da escola; aos serviços públicos; aos recursos pedagógicos e/ou administrativos; ao uso e conservação dos espaços e recursos; ou ainda, às condições físicas; e aos recursos escolares para a inclusão.

Assim, cabe ao pesquisador a tarefa de atribuir-lhe significado, bem como especificar como o conceito pode ser operacionalizado empiricamente. Neste trabalho, a infraestrutura será



analisada como um insumo – recursos humanos, materiais e financeiros da escola – e como um processo, ou seja, políticas e práticas internas do ambiente escolar.

No que diz respeito à relação entre a infraestrutura e a qualidade da educação, autores pioneiros nesses estudos, encontraram resultados significativos, revelando um padrão diferente do que era observado na literatura internacional (Barbosa; Fernandes, 2001; Soares *et al.*, 2001). Nos países desenvolvidos, onde, em geral, os estabelecimentos de ensino funcionam em condições mais satisfatórias, a infraestrutura não fazia diferença (Brooke; Soares, 2008).

Franco e Bonamino (2005, p. 3) ressaltaram que o fato de os recursos escolares não representarem fatores de eficácia nos países desenvolvidos justifica-se porque os equipamentos e a conservação dessas escolas variam muito pouco entre si, uma vez que praticamente todas possuem os recursos básicos para o seu funcionamento. Nesses países, aspectos como: ventilação, qualidade do ar, conforto térmico, iluminação, acústica, acessibilidade, segurança, entre outros relacionados ao bem-estar das pessoas, aparecem com mais frequência na discussão do tema.

Porém, essa não é a realidade de países que possuem um sistema educacional não equitativo, como é o caso do Brasil, onde a responsabilidade pela oferta da educação básica se divide entre estados e municípios. A literatura educacional aponta que, no Brasil e em outros países da América Latina, os recursos escolares aparecem como aspectos fundamentais para o desempenho, mesmo após o controle do nível socioeconômico dos alunos (Soares, 2005; Franco; Bonamino, 2005).

Espera-se que as construções, os mobiliários e o material didático sejam adequados e suficientes para assegurar o desenvolvimento do trabalho pedagógico e favorecer a aprendizagem (Libâneo *et al.*, 2008). Marzocchi e Oliveira (2009, p. 10), ao investigarem a relação entre os recursos disponíveis nas escolas públicas brasileiras e o desempenho em Ciências dos alunos participantes do Programa Internacional de Avaliação dos Alunos (Pisa) 2006, concluíram que as escolas com melhores equipamentos e recursos educacionais podem obter, em média, 6,9 pontos a mais no desempenho.

Em um estudo realizado no contexto da América Latina, Duarte *et al.* (2011, p. 3) buscaram relações entre a infraestrutura e o aprendizado dos alunos, com base nos dados do *Second Regional Comparative and Explanatory Study* (Serce). Segundo os autores, a presença



de biblioteca e laboratórios; a conexão a serviços elétricos e telefônicos; e o acesso à água potável e aos banheiros, estão altamente correlacionados ao desempenho dos estudantes.

Soares Neto *et al.* (2013, p. 81), ao desenvolverem uma escala de infraestrutura com dados do Censo Escolar de 2011, verificaram que ela estaria relacionada aos baixos resultados educacionais na área rural. Os autores apontaram a existência de grandes desigualdades entre as escolas brasileiras; e demonstraram o quanto o Brasil está distante, não somente da equidade entre as escolas, mas também da garantia de um padrão mínimo de qualidade.

Os estudos acima enfatizam a infraestrutura escolar como um importante fator para o processo de ensino-aprendizagem, não devendo ser negligenciado. No Brasil, os recursos escolares, equipamentos, conservação do prédio escolar, entre outros itens relacionados à infraestrutura, são fatores necessários para o desempenho dos alunos, ainda que não sejam os únicos (Alves; Franco, 2008).

Entretanto, cabe ressaltar que, para que haja efeito significativo, apenas a existência dos recursos escolares não é condição suficiente para que façam diferença. É preciso que sejam utilizados de maneira pedagógica pelos professores e que os alunos tenham acesso a eles. Por exemplo, de nada adianta para o desempenho dos alunos possuir um laboratório de informática que fica fechado a maior parte do tempo e que os professores não sabem utilizar em suas aulas (Soares, 2004).

Na presente pesquisa, tendo como base a revisão de literatura realizada, buscou-se compreender a percepção dos atores escolares em relação à infraestrutura existente na escola. Assumindo que a infraestrutura é um insumo e um processo, será levado em consideração tanto a existência, quanto o uso pedagógico que é feito dela.

METODOLOGIA

DEFINIÇÃO DOS MUNICÍPIOS E DAS ESCOLAS

O estudo de caso foi realizado em quatro escolas públicas municipais da RMBH, selecionadas a partir da análise dos dados do Censo Escolar e do Saeb. Houve uma preocupação para relacionar os resultados das etapas quantitativa e qualitativa da pesquisa, garantindo que a escolha dos casos atendessem a alguns critérios descritos a seguir.



Para a análise quantitativa, foram utilizados indicadores de infraestrutura produzidos com base nos dados do Censo Escolar e do Saeb (Unesco, 2019). As escalas dos indicadores variam no intervalo de zero a dez pontos, sendo o zero equivalente à pior situação em relação aos itens avaliados e o valor dez à melhor situação. O indicador geral de infraestrutura sintetiza os itens utilizados nos indicadores múltiplos e identifica o peso relativo desses itens, o que não poderia ser feito com eles separados (Unesco, 2019).

O Índice de Nível Socioeconômico das escolas (INSE) sintetiza, em uma única dimensão, as informações fornecidas pelos alunos nos questionários contextuais do Saeb e do Exame Nacional do Ensino Médio (Enem), sobre escolaridade dos pais, bens de consumo e padrão de rendimento familiar³. Neste trabalho, será utilizado um índice produzido pelo Núcleo de Pesquisas em Desigualdades Escolares (Nupede) com dados para 2017, que adotou a mesma metodologia empregada em estudos anteriores (Alves; Soares; Xavier, 2014; Alves; Xavier, 2017).

A união de todas as informações das escolas em uma única base de dados se deu com o emprego do código de identificação da escola (ID_ESCOLA) como variável chave. Esse código, atribuído pelo Inep, está presente nas duas bases analisadas (Censo Escolar e Saeb). Como resultado, obteve-se um banco agregado por escola para o Brasil com informações dos indicadores de infraestrutura e do nível socioeconômico da escola. O Quadro 1 mostra as variáveis presentes na base de dados final.

Quadro 1 - Indicadores e variáveis presentes na base de dados

	Indicador/variável	Tipo	Descrição	Fonte de dados
Indicadores de infraestrutura	Ambiente prazeroso	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	Censo Escolar e Saeb Alves <i>et al.</i> , 2017)
	Espaços pedagógicos	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Equipamentos para apoio administrativo	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Equipamentos para apoio pedagógico	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Acessibilidade	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Ambiente para atendimento especializado	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Acesso a serviços	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Instalações	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Prevenção de danos	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Conservação	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
	Conforto	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	

³ A metodologia para a estimação do INSE está descrita em Alves, Soares e Xavier (2014, p. 678).



	Infraestrutura geral	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	
Nível socioeconômico da escola	Índice de Nível Socioeconômico (INSE)	Contínua	Escala de 0 a 10 pontos	Saeb e Enem (Nupede/UFMG)

Fonte: Elaboração própria.

Os bancos, agregados por escola, continham algumas variáveis que permitiam identificar a localização da escola e rede (região, Unidade da Federação, código do município, área urbana ou rural, capital ou interior e dependência administrativa). Foram selecionadas para análise, apenas as escolas municipais localizadas na RMBH, totalizando 34 municípios.

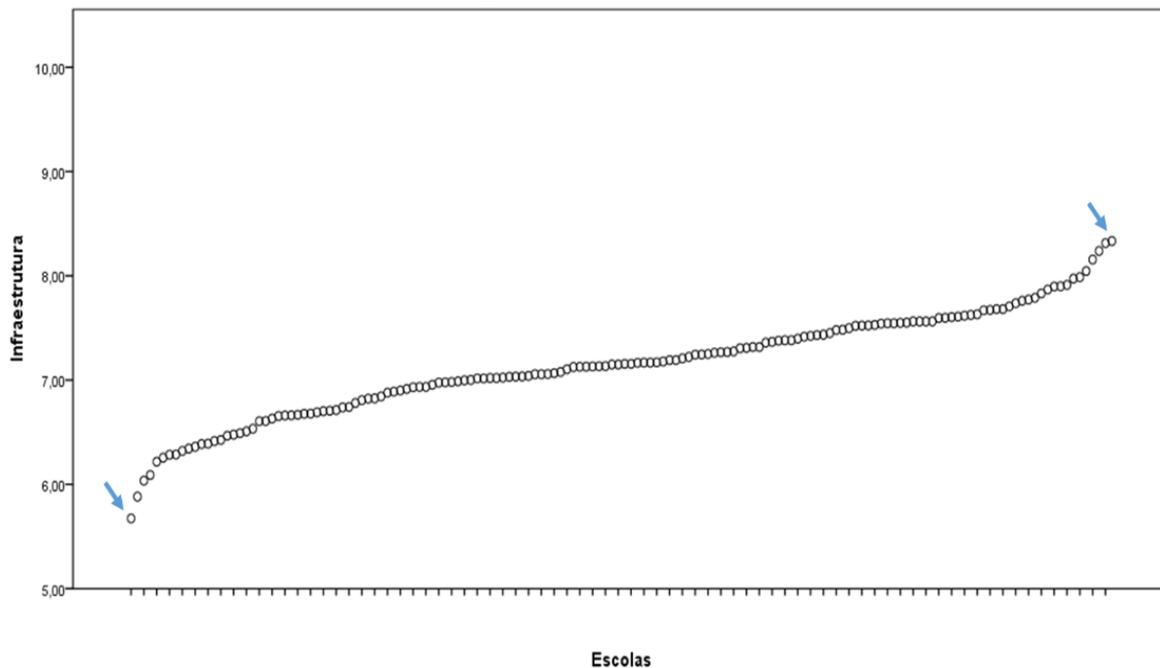
Entre as médias mais altas do indicador geral de infraestrutura, encontra-se Belo Horizonte; e, entre as mais baixas, Ribeirão das Neves, até mesmo quando comparada à média dos municípios da RMBH como um todo. A escolha de Belo Horizonte se deu por ser o mais populoso da região, possuir um Índice de Desenvolvimento Humano Municipal (IDHM) alto, um elevado número de escolas municipais e uma das maiores médias de infraestrutura. Por outro lado, Ribeirão das Neves está entre as cidades de menor média de infraestrutura; apresenta um número significativo de escolas, quando comparada aos demais municípios; e um IDHM baixo. Além disso, Ribeirão das Neves é populoso, ficando atrás somente de Belo Horizonte, Contagem e Betim.

Em 2017, em Belo Horizonte, havia 154 escolas que ofertavam o 5º ano do Ensino Fundamental, exclusivamente ou não. Em Ribeirão das Neves, havia 20 escolas. Para cada município, houve um ordenamento das informações de infraestrutura para selecionar escolas com perfil diferente nesse quesito, mas considerando escolas de nível socioeconômico médio. A intenção era utilizar o nível socioeconômico da escola como controle, já que ele é responsável por explicar parte significativa do desempenho.

O Gráfico 1 e o Gráfico 2 mostram as escolas de Belo Horizonte e Ribeirão das Neves, respectivamente, segundo a média de infraestrutura. As setas sinalizam as escolas selecionadas para o estudo de caso, que são aquelas cujos itens presentes nos questionários do Censo Escolar e do Saeb indicam melhores e piores condições de infraestrutura.

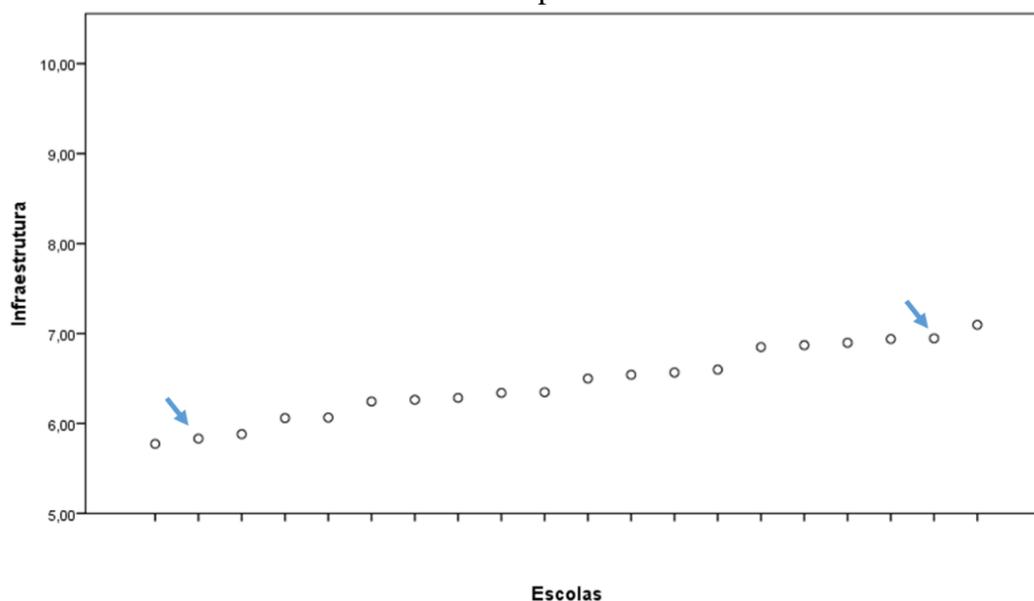


Gráfico 1 - Escolas de Belo Horizonte por média de infraestrutura



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Prova Brasil 2017.

Gráfico 2 - Escolas de Ribeirão das Neves por média de infraestrutura



Fonte: Elaboração própria a partir dos dados da Prova Brasil 2017.

Ao buscar por escolas de nível socioeconômico parecido e infraestrutura distinta, foram obtidos oito estabelecimentos possíveis candidatos ao estudo de caso, sendo quatro



escolas com baixo indicador de infraestrutura (Tabela 1); e quatro com alto indicador (Tabela 2). As escolas selecionadas aparecem em destaque.

Tabela 1 - Escolas com baixo indicador de infraestrutura

Candidatas	Município	Escola	Infraestrutura Geral	INSE
1ª	Belo Horizonte	Escola Íris	5,88	55,95
2ª	Belo Horizonte	Escola Turquesa	5,67	54,14
1ª	Ribeirão das Neves	Escola Anil	5,77	49,04
2ª	Ribeirão das Neves	Escola Marfim	5,83	51,84

Fonte: Elaboração própria.

Tabela 2 - Escolas com alto indicador de infraestrutura

Candidatas	Município	Escola	Infraestrutura Geral	INSE
1ª	Belo Horizonte	Escola Dourada	8,33	55,68
2ª	Belo Horizonte	Escola Púrpura	8,31	54,47
1ª	Ribeirão das Neves	Escola Lilás	6,95	48,04
2ª	Ribeirão das Neves	Escola Malva	6,94	52,35

Fonte: Elaboração própria.

As primeiras opções foram as escolas Íris e Dourada (Belo Horizonte) e Anil e Lilás (Ribeirão das Neves). As de maior indicador de infraestrutura foram favoráveis à participação. Porém, não foi possível contatar as escolas de infraestrutura mais baixa. Devido ao curto período disponível, partiu-se para as segundas opções e as escolas selecionadas para o estudo de caso foram: Dourada, Turquesa, Lilás e Marfim – nomes fictícios para preservar a identidade das escolas. Vale dizer que as proficiências em Leitura e Matemática (escala de 0 a 500 pontos) dos alunos do 5º ano do Ensino Fundamental no Saeb de 2017 foram, respectivamente: 237,99 e 250,59 (Escola Dourada); 219,58 e 232,63 (Escola Turquesa); 212,65 e 211,58 (Escola Lilás); 207,89 e 208,61 (Escola Marfim).

REALIZAÇÃO DE ENTREVISTAS E GRUPOS FOCAIS

O estudo de caso contou com a realização de entrevistas com a diretora e professora e grupo focal com os estudantes do 5º ano do Ensino Fundamental. Buscou-se triangular essa percepção (direção, professor e aluno) sobre a infraestrutura escolar. Não estava entre os



objetivos realizar uma observação sistemática, mas as visitas às escolas possibilitaram observar bem os espaços e registrar as impressões. As entrevistas foram do tipo semiestruturadas e os roteiros, construídos com base nas hipóteses e nos objetivos do estudo. Além da percepção da diretora e da professora, buscou-se entender a relação dos alunos com a infraestrutura da escola. Sebake, Mphutlane e Gibberd (2007), em um estudo desenvolvido na África do Sul, apontaram a importância de incluir nas pesquisas a percepção dos estudantes. Ao todo, foram entrevistados oito profissionais, sendo quatro diretoras e quatro professoras, além de um grupo focal em cada escola (quatro ao todo), como mostra o quadro abaixo.

Quadro 2 - Relação de atores pesquisados por escola

Escola	Entrevistados		Grupo Focal
	Direção	Professora	Alunos (5º ano)
Escola Dourada	Maria (dir) e Eduardo (vice)	Lúcia	26 alunos
Escola Turquesa	Luzia (vice)	Carla	29 alunos
Escola Lilás	Gabriela (dir)	Ângela	26 alunos
Escola Marfim	Júnia (dir)	Cláudia	20 alunos

Fonte: Elaboração própria.

Os grupos focais, assim como as entrevistas, foram audiogravados. Após finalizada a coleta dos dados, iniciou-se a etapa de transcrição. A análise de conteúdo, realizada por meio do NVivo v12, permitiu: 1) identificar as palavras mais frequentes nos discursos dos atores pesquisados; e 2) categorizar as respostas obtidas.

RESULTADOS

O QUE DIZEM OS ATORES PESQUISADOS SOBRE A INFRAESTRUTURA

Para analisar o conteúdo das entrevistas, foram criadas categorias de referência. Por meio da localização de palavras ou trechos das entrevistas referentes a temas em comum, foram elaboradas seis categorias de referência, que auxiliaram na compreensão dos discursos acerca da percepção sobre a infraestrutura. A fundamentação teórica foi importante nesta etapa, pois sugeriu categorias prévias, facilitando o processo. As categorias criadas encontram-se no quadro abaixo.



Quadro 3 - Descrição das categorias de análise

Categorias de análise	Descrição
1. Avaliação de qualidade	Analizamos a percepção dos atores a respeito da avaliação que fazem da infraestrutura existente em sua escola.
2. Recursos pedagógicos	Analizamos a percepção dos atores sobre as condições de uso dos recursos e se são utilizados de maneira pedagógica.
3. Liderança administrativa	Analizamos informações referentes à organização e gestão da escola, por meio da liderança do diretor e do trabalho colaborativo da equipe escolar.
4. Bem-estar	Analizamos as referências à escola ser um ambiente propício para a aprendizagem, ambiente de bom convívio, propiciando o bem-estar das pessoas.
5. Relação infra x desempenho	Analizamos se os entrevistados percebem alguma relação entre a utilização dos recursos e o aprendizado dos alunos.
6. Fatores extraescolares	Analizamos a percepção dos atores sobre aspectos que fogem do controle da escola, mas que impactam no desempenho, como aqueles ligados ao aluno e à sua família.

Fonte: Elaboração própria.

As entrevistas e os grupos focais são apresentados a seguir para cada categoria. Primeiro, são comparadas as duas escolas de Belo Horizonte, e, depois, as duas de Ribeirão das Neves. Categorias como bem-estar e fatores extraescolares apareceram em apenas uma dentre as quatro escolas. Nesses casos, buscou-se entender o porquê tal categoria não apareceu nas demais instituições. Quando a comparação é possível de ser feita, a categoria foi apresentada discriminada por município.

AVALIAÇÃO DE QUALIDADE

Nesta categoria, foram agrupadas falas da direção, das professoras e dos alunos a respeito da qualidade da infraestrutura existente na escola. A categoria desmembrou-se em duas: (1) aspectos positivos; e (2) aspectos negativos.

ESCOLAS DE BELO HORIZONTE

Teixeira (2009), em estudo realizado com base em dados quantitativos, encontrou que, nas escolas de melhor desempenho, era atribuída maior importância aos espaços e recursos escolares. É o que foi visto na escola Dourada, que possui o indicador mais alto de infraestrutura.

A professora da escola Dourada, ao comparar a infraestrutura de sua escola com a de outras da rede municipal, afirma que a infraestrutura da sua é diferenciada. Os alunos da escola



Dourada também relataram aspectos positivos. Um dos alunos disse: “o espaço da sala é grande, bom e confortável”. Uma aluna acrescentou: “em outras escolas não tem igual a gente tem, em outras não tem nem cadeira, quem chegar primeiro senta, e nem tem ventilador para poder refrescar”.

Por outro lado, na escola Turquesa, de infraestrutura mais baixa, a professora se queixou do barulho que vem do pátio, atrapalhando sua aula: “como que você dá aula com este barulho, a minha sala fica bem perto do pátio, então nas épocas de ensaio, de apresentação, a aula fica prejudicada”. A professora também informou que há pouca ventilação na sala: “eu trago o meu ventilador, então para mim está tranquilo e para os meninos que estão perto de mim também, e para os que estão lá atrás?”. Apesar de ter relatado questões problemáticas em relação ao calor e ao barulho, a professora reconhece que a infraestrutura da escola Turquesa é melhor quando comparada à de outra escola em que trabalha, também em Belo Horizonte. Segundo ela: “lá, as salas são menores, o pátio muito pequeno, muitas escadas, a questão do acesso eu acho mais complicada, e essa escola (Turquesa) tá mais adaptada até para as crianças com dificuldade de locomoção”.

ESCOLAS DE RIBEIRÃO DAS NEVES

A escola Lilás, apesar de possuir um indicador mais alto de infraestrutura, apresenta questões, que, segundo os entrevistados, necessitam de melhorias. Uma delas foi observada na fala da diretora:

Naquele segundo bloco eu não tenho um telhado de acesso, então quando chove, os meninos ficam presos dentro da sala, tem que sair de sombrinha para ir ao banheiro. Para mim é uma coisa que já teria sido feita desde a construção da escola, é uma coisa que não sai barata, e com esse dinheiro que a gente recebe, não daria para fazer este telhado (Diretora Gabriela, escola Lilás).

Em relação à segurança na escola, a diretora relatou: “a gente não tem porteiro, as crianças entram no mesmo portão que as pessoas que vão ter acesso à secretaria, então coloca em risco a vida delas e a nossa também”. Apesar de ter relatado aspectos frágeis da escola, reconhece que, dentro do município em que está inserida, possui uma boa infraestrutura.

A escola Marfim também apresentou queixas por parte dos atores pesquisados. Tanto a professora quanto os alunos falaram sobre questões básicas da escola que não estão sendo



supridas. Segundo eles, em época de chuva, a aula fica prejudicada. A professora, em uma de suas falas: “a água cai quase na cabeça deles, no armário, tanto que molhou minhas folhas todas”.

Outro aspecto que a professora se queixou foi em relação à materialidade. Disse que estão passando por uma dificuldade e não está tendo folha de ofício na escola. Informou também que as cotas de “xerox” são muito poucas e que a solução encontrada foi comprar uma máquina de xerox para ela. A professora, que também trabalha em uma escola da rede estadual, compara a infraestrutura das duas e afirma que a de Ribeirão das Neves é muito mais precária.

Nesta categoria, foi analisada a percepção dos atores pesquisados acerca da infraestrutura escolar. A escola Dourada obteve o maior número de referências positivas. De modo geral, as escolas de Belo Horizonte (Dourada e Turquesa), quando comparadas às de Ribeirão das Neves (Lilás e Marfim), apresentam espaços e materiais mais propícios para o processo de ensino e aprendizagem. Um fato interessante foi de que as professoras que trabalham em Belo Horizonte, ao comparar a sua escola com outras, relatam possuir uma infraestrutura mais adequada; em contrapartida, as professoras de Ribeirão das Neves, informam uma precariedade em relação aos recursos disponíveis. Porém, apesar disso, nessas últimas, quando levam em conta o município em que estão inseridas, reconhecem possuir uma boa infraestrutura.

RECURSOS PEDAGÓGICOS

A existência de recursos e equipamentos adequados e acessíveis, bem como uma boa conservação do prédio escolar, são condições básicas para o aprendizado. No entanto, a simples existência dos recursos escolares não é suficiente para que façam diferença, deve-se levar em consideração seu uso pedagógico (Alves; Franco, 2008; Soares, 2004). Nesse sentido, foram agrupadas falas da direção, professoras e alunos sobre as condições de uso desses recursos.

ESCOLAS DE BELO HORIZONTE

A diretora da escola Dourada informou que os professores usam com frequência os recursos disponíveis. Segundo ela, a direção está sempre cobrando isso deles, pois percebem



uma boa relação desse uso com o desempenho dos alunos, reforçando a existência de uma forte liderança pedagógica. A diretora também informou que o uso da biblioteca é diário e que há uma escala para que todos os professores consigam utilizá-la. Relatou que os alunos também costumam utilizá-la durante o recreio, e, até mesmo, aos finais de semana. Em relação ao laboratório de informática, disse que o uso é contínuo, apesar de ser utilizado com maior frequência na escola integrada. Além disso, informou que os professores fazem uso frequente do auditório. Porém, no que diz respeito às mídias interativas, ainda há uma lacuna a ser preenchida quanto ao seu uso.

A professora Lúcia, em consonância com a fala dos gestores, relatou que o uso dos espaços e materiais didáticos disponíveis é frequente. Segundo ela, existe um quadro de reservas para o professor se programar com antecedência e conseguir utilizá-los no dia planejado. Os alunos da escola Dourada também informaram sobre o uso que fazem dos recursos. Segundo eles, espaços como quadra, biblioteca, auditório e laboratório de informática costumam ser utilizados com frequência pelos professores. Porém, em relação aos *tablets*, os alunos relataram que o uso não é frequente e que gostariam de utilizá-los mais vezes. Já sobre o laboratório de ciências, uma aluna disse: “a gente não vai lá com o propósito de estudar Ciências, a gente só vai lá pra usar a sala [...] às vezes vai lá quando passa vídeo porque lá tem uma telona”.

Por outro lado, na escola Turquesa, a vice-diretora disse que o uso dos recursos varia por professor. Segundo ela, não são todos que utilizam os materiais disponíveis. Segundo a professora Carla, são eles mesmos que produzem os materiais: “se eu precisar de qualquer coisa, eu vou fazer um projeto, vou apresentar para a direção e a direção fica responsável por comprar algum material, algum recurso que precisar”, reforçando a existência de uma liderança pedagógica. Acrescentou que recursos como PowerPoint e Datashow estão sempre à disposição, caso queiram passar um filme ou vídeo. Porém, os alunos, ao serem indagados sobre a sala de vídeo, informaram que não costumam utilizá-la.

Assim, apesar da escola contar com espaços e recursos disponíveis, Carla relatou não fazer uso frequente dessa infraestrutura, mas reconheceu que outros professores fazem. Em relação à biblioteca, ressaltou que o uso é semanal. Em relação ao laboratório de informática, um aluno disse: “a gente mexe mais no laboratório de informática na escola integrada”. Outra aluna acrescentou: “lá tem uns quinze computadores, são até bons, mas a internet é ruim, eles



estragam, tem uns três estragados e não tem computador pra todo mundo, tem que sentar em dupla”.

ESCOLAS DE RIBEIRÃO DAS NEVES

Na escola Lilás, em relação aos recursos disponíveis, a diretora informou ter biblioteca, quadra coberta, parquinho e biblioteca. Sobre a biblioteca, disse que também a utilizam como sala de vídeo, onde fica a televisão, mas que, atualmente, está estragada. Além disso, a escola possui um aparelho de Datashow, mas, segundo a diretora, desde que assumiu a direção, encontra-se danificado.

Sobre a biblioteca, Gabriela informou não possuir uma pessoa responsável pelo espaço. Segundo ela, o uso que os professores faziam, era de ir uma vez por semana, porém agora ela não exige isso deles mais. Em uma de suas falas, relatou: “infelizmente, a gente tem o espaço, tem os livros, mas não tem o profissional”. E, acrescentou: “quando o professor de sala vai, muitas vezes desorganiza a biblioteca, e eles acabam não indo, de tantas funções que eles têm em sala, perdem esse momento”.

Segundo a professora da escola Lilás, ela quase não vê um uso pedagógico dos recursos existentes na escola: “às vezes acontece assim: um professor faltou, coloca para ver um filme, mas utilizar pedagogicamente é muito raro”.

Em relação à quadra, os alunos disseram que o professor de Educação Física quase nunca a utiliza, que costuma ficar mais em sala. Relataram também que, em dias de chuva, o uso desse espaço fica prejudicado, pois, segundo relatos de um aluno: “a quadra é coberta, mas tem uns furos”. Em relação à biblioteca, uma aluna informou: “a gente não foi ainda esse ano, foi só ano passado”.

Na escola Marfim, também foi observada uma precariedade em relação aos recursos. Segundo relatos da diretora Júnia, a escola possui: biblioteca, sala de professor, diretoria e secretaria. Ainda informou: “eu só não tenho uma quadra, não tem espaço físico para a construção de uma, mas tem o pátio”. Júnia acrescentou: “o que tem é bom, a conservação é boa, a manutenção tá tranquila, não tem muito não, mas o que tem é bom”.

A professora Cláudia, nesse sentido, informou: “o pouquinho que a gente tem aqui a gente usa, sim”. Em relação à materialidade existente na escola, a professora disse não fazer



uso da televisão, apesar de estar em bom estado, e nem da biblioteca, por ser um espaço inadequado, muito pequeno, restrito, onde não cabem todos os alunos. Segundo ela: “a biblioteca eu não uso, apenas quando eu quero usar o mapa, alguma coisa do corpo humano, um globo terrestre eu mando pegar, meu uso na biblioteca é só pedir, não frequentar”. Os alunos informaram não utilizar a biblioteca e quase nunca sair de sala, nem no horário de Educação Física.

De modo geral, nas quatro escolas, há uma distância entre a existência da infraestrutura e o uso pedagógico que é feito dela. Em algumas escolas isso é claro, porém, em outras, apesar de acontecer, é menos visível, como é o caso da escola Dourada, em que a direção informou utilizar com frequência os recursos disponíveis, com exceção das mídias interativas. Além disso, relataram utilizar alguns espaços, como o laboratório de ciências, mas não de maneira pedagógica. Em relação à escola Turquesa, apesar de ter espaços e materiais disponíveis, não foi relatado um interesse de uso por parte dos entrevistados, e nem um incentivo da direção para que isso aconteça. Em relação às escolas de Ribeirão das Neves, notou-se uma precariedade na infraestrutura, reconhecida pelos entrevistados, que relataram, de modo geral, possuir recursos físicos limitados.

Os achados desta categoria contribuiriam para testar a hipótese de que somente a existência dos recursos físicos não é condição suficiente para que façam diferença. Segundo Soares (2004, p. 88), para que haja efeito cognitivo, é preciso que os recursos sejam utilizados pelos professores e que os alunos tenham acesso a eles. Dessa maneira, na escola Dourada, o frequente uso que fazem dos recursos disponíveis, relatado pelos atores, se relaciona de maneira positiva com o desempenho dos alunos, que é o mais alto entre as escolas pesquisadas. Em contrapartida, a não utilização de maneira efetiva dos recursos nas escolas Turquesa, Lilás e Marfim acaba tendo uma influência negativa no aprendizado dos estudantes.

LIDERANÇA ADMINISTRATIVA

Nesta categoria, analisou-se o papel da direção nas funções administrativas da escola. Foi investigada a capacidade da diretora de liderar e motivar sua equipe e de realizar uma boa gestão, administrando bem os recursos que a escola recebe e promovendo um clima escolar favorável ao aprendizado dos alunos.



ESCOLAS DE BELO HORIZONTE

A diretora da escola Dourada informou que as verbas recebidas são suficientes para atender a todas as demandas da escola. Disse que nunca tiveram problemas relacionados à falta de dinheiro, pois há esse controle pela escola. Todo mês realizam um plano de execução financeiro e elaboram, de acordo com as metas estabelecidas, um planejamento, a fim de saberem quanto e como podem gastar a verba que lhes é creditada.

Além disso, informou que há uma discussão sobre o uso desse dinheiro e que sempre buscam inovações, a fim de despertar o interesse do aluno. O vice-diretor informou aspectos relativos à escola possuir uma gestão democrática. Segundo ele, estão sempre buscando levar em consideração a opinião dos professores e alunos na hora de tomar as decisões. Por exemplo, no que diz respeito à compra de livros para a biblioteca, Eduardo disse:

A diretora, a cada três meses, passa uma lista de sugestão de obras entre os professores, normalmente os estudantes já foram sugerindo para os professores e aí, quando a verba é creditada, a diretora: “nós temos esse valor aqui para acervo de biblioteca” e a gente aproveita da lista dos professores e adquire o acervo (Vice-diretor Eduardo, escola Dourada).

Ainda em relação à tomada de decisão em conjunto, a professora Lúcia disse: “Durante o recreio, essa parte da infraestrutura veio de demanda deles mesmo, porque teve uma votação do que poderia tá adquirindo para melhorar o recreio. Todos puderam participar.”

Em relação aos materiais disponíveis, como material dourado e globo terrestre, por exemplo, Eduardo afirmou que possuem um controle sobre a demanda dos professores, e que, sempre que necessário, compram materiais novos, a fim de não deixar faltar nenhum tipo de recurso que o docente necessita.

A professora Lúcia também relatou aspectos que reforçam a existência de uma forte liderança administrativa. Segundo ela, em relação à infraestrutura, a diretora é muito cuidadosa, está sempre dando o suporte naquilo que for preciso e realizando as manutenções necessárias. Segundo a professora: “A diretora não espera estragar para consertar, então sempre tem manutenção preventiva em janeiro e em julho que são os períodos de férias”.

Por outro lado, na escola Turquesa, de infraestrutura mais baixa, houve relatos da direção de que a verba recebida, tanto do município quanto do Governo Federal, atualmente, não é suficiente para atender todas as demandas da escola.



Como nosso prédio é antigo, a gente tem muita demanda, então temos que ficar pedindo, a gente vai partir para uma fase de pedir recurso extra. Ano passado a gente participou de um processo que foi o OPCA (Orçamento Participativo da Criança e do Adolescente), a gente fez um processo certinho, todo completo, e a contrapartida seria a disponibilização de 20 mil reais para aquilo que os alunos elegeram como prioridade, só que esse recurso ainda não chegou (Vice-diretora Luzia, escola Turquesa).

A vice-diretora também informou que há uma discussão interna sobre o uso da verba que recebem. Segundo ela, a gestão da escola, juntamente aos professores, discute as propostas que serão levadas ao Colegiado Escolar. O Colegiado, formado por representantes de professores, alunos, pais, moradores da comunidade e direção, fica responsável por aprovar as propostas ou não.

Porém, devido à insuficiência de recursos financeiros, a escola acaba ficando prejudicada, pois, segundo Luzia: “projetos não faltam, necessidades não faltam, ideias não faltam”. Relatou que possuem muita confecção de jogos e materiais pedagógicos na escola e que a diretora está sempre buscando envolver as coordenadoras e professoras nessa construção, para que ela ocorra em conjunto, fomentando, assim, uma gestão mais participativa.

ESCOLAS DE RIBEIRÃO DAS NEVES

Na escola Lilás, a diretora informou que os recursos que a escola recebe não são suficientes para atender todas as demandas. E, por isso, buscam outras saídas para arrecadar dinheiro e complementar a verba recebida, como uma arrecadação na festa junina, por exemplo.

Segundo a diretora, há uma discussão interna para o uso do dinheiro. Na escola existem membros da Caixa Escolar, que são representantes de professores, de funcionários em geral e de pais de alunos. Além disso, informou que sempre quando vão adquirir um novo material, discutem em conjunto e buscam pela melhor opção, enfatizando a existência de uma gestão participativa.

Nesse sentido, na escola Marfim, a diretora também relatou não serem suficientes os recursos recebidos. Em relação à discussão sobre o uso do dinheiro, Júnia disse que existem dois grupos distintos: o Conselho Deliberativo e o Conselho Fiscal. Segundo ela, a gestão, juntamente ao Conselho Deliberativo, estipula quais são as prioridades no momento, para



poderem tomar as decisões, enquanto o Conselho Fiscal supervisiona, para ver se realmente cumpriram com o proposto. Percebe-se, assim, a existência de uma liderança administrativa, em que a diretora atua em conjunto com os Conselhos, buscando uma melhor organização das demandas da escola.

A professora Cláudia, em uma de suas falas, informou que a diretora, desde que assumiu a escola, vem realizando uma boa gestão. Disse, ainda, que a diretora melhorou bastante a acessibilidade na escola para as pessoas com deficiência, construindo rampas e banheiros acessíveis. Além disso, a professora informou que a escola poderia melhorar se dispusesse dos recursos financeiros necessários e que, em relação às melhorias que precisam ser feitas: “não é algo que depende da diretora, vem de lá da frente”.

De modo geral, neste tópico, pode-se dizer que possuir uma escola dotada de boa infraestrutura é algo que não depende exclusivamente da instituição escolar. É bem provável que uma escola pública que não recebe recursos suficientes para atender às suas demandas tenha uma infraestrutura mais precária e, também, proficiências mais baixas. E é essa a realidade vista nas escolas Turquesa, Lilás e Marfim. Porém, apesar disso, não dá para negligenciar o fato de que há liderança administrativa nessas escolas, uma vez que foram identificados indícios, nas falas das diretoras e professoras, da existência de uma boa gestão.

Em relação à escola Dourada, a direção e a professora trataram, durante a entrevista, de aspectos relacionados à existência de uma liderança administrativa forte e atuante, que administra bem os recursos recebidos e lidera a equipe escolar, buscando sempre envolvê-la nas decisões a serem tomadas. A literatura mostra que o reconhecimento da liderança do diretor pelos professores é uma característica associada à eficácia escolar (Franco *et al.*, 2007; Soares; Alves, 2003). Essa realidade pode ser observada na escola Dourada, que possui as proficiências mais altas quando comparada às demais escolas pesquisadas.

BEM-ESTAR

A literatura internacional apresenta, com frequência, aspectos relacionados ao bem-estar físico das pessoas na escola (Schneider, 2002; Young *et al.*, 2003). Esses aspectos são menos tratados na literatura nacional, por um lado, porque não possuímos coleta de dados secundários que os detalham, e, por outro, porque condições mais básicas ficam em evidência,



uma vez que o sistema educacional brasileiro é marcado por desigualdades significativas entre as redes de ensino e entre as unidades escolares.

A demanda pela melhoria do desempenho em escolas públicas inclui a necessidade de um ambiente: conservado, limpo, prazeroso, agradável; e, que proporcione conforto e bem-estar físico aos alunos e professores (Alves *et al.*, 2017). De acordo com os autores, a existência desse ambiente contribuirá com o bom andamento do trabalho escolar, sem negligenciar outros aspectos.

Ao criar esta categoria, buscamos identificar, nas falas dos atores pesquisados, referências aos aspectos de bem-estar. Apesar de ser um tema menos frequente, houve relatos da direção, da professora e dos alunos da escola Dourada sobre essa condição de bem-estar.

Nesse sentido, em relação à escola propiciar um ambiente de bom convívio, tanto entre profissionais quanto entre alunos, a escola Dourada parece cumprir seu papel. Em um dos relatos da diretora, a mesma informou que a escola é agradável, familiar, e com um bom clima para se trabalhar, o que acaba favorecendo o processo de ensino-aprendizagem. Revelou ainda, que, em relação à violência, os índices são baixíssimos.

A diretora também falou sobre a pintura da escola: “agora em julho a gente pinta de novo esse chão e com temas diferentes, com frases e aí você não vai achar, possivelmente, nenhuma pichação na escola, raríssimamente”. A professora, por sua vez, reconhece a existência de um espaço bem cuidado ao dizer: “outro diferencial aqui também é saber usar o coletivo de maneira correta para que todos usem, para que haja uma conservação”. Em conversa com os alunos, notou-se que eles percebem esse cuidado com a escola. A fala de um deles ilustra essa situação: “a gente tem que agradecer por outra coisa: a nossa escola está bem cuidada, está sendo bem cuidada”.

Outro ponto abordado pela diretora, que se refere à existência de um ambiente agradável e de bem-estar, diz respeito à sirene da escola.

Temos uma sirene musical, nós não temos uma sirene de presídio que toca nos momentos de sinal, a gente tem uma sirene musical que toca música instrumental, que toca na entrada, na saída, nos recreios, toda programada (Diretora Maria, escola Dourada).

De modo geral, tanto a direção quanto a professora e os alunos da escola Dourada reconhecem-na como um ambiente propício para o aprendizado. Segundo eles, trata-se de uma



escola limpa, colorida e agradável. O simples fato da renovação da pintura a cada seis meses ou da existência de uma sirene musical já agrega um valor diferencial à escola, que se reflete na satisfação dos professores e dos alunos. O fato de não ter sido identificados aspectos desta categoria nas escolas Turquesa, Lilás e Marfim, pode ter ocorrido por se tratar de uma realidade distante dessas instituições, que buscam, em primeiro lugar, suprir questões básicas, relacionadas à segurança e à materialidade, para, depois, se preocupar com o conforto e o bem-estar físico das pessoas.

RELAÇÃO INFRAESTRUTURA E DESEMPENHO

Nesta categoria, buscou-se captar, por meio de relatos da direção, da professora e dos alunos, a percepção sobre a relação existente entre infraestrutura e desempenho escolar, algo já consolidado na literatura educacional (Marri *et al.*, 2012; Marzocchi; Oliveira, 2009; Riani, 2004).

ESCOLAS DE BELO HORIZONTE

A diretora da escola Dourada informou que a relação entre infraestrutura e desempenho é perceptível, sendo possível notá-la tanto na satisfação dos alunos quanto nos resultados da escola. Segundo ela: “a gente vê isso claramente nos nossos dados, os pais ficam felizes, os meninos, tem uma satisfação que não é mensurada, que é a satisfação deles ali na hora, mas os resultados mostram o avanço também”.

Em relação à merenda escolar, que está entre os padrões mínimos de infraestrutura para o Ensino Fundamental, a diretora relatou: “a merenda é muito boa, a gente oferece almoço para todos os alunos, na faixa de 500 refeições por dia, tudo isso interfere no aprendizado, menino com barriga cheia não vai aprender?”

A professora Lúcia, nesse mesmo sentido, relatou perceber uma grande influência da infraestrutura escolar no aprendizado dos alunos.

Eu já trabalhei em escolas onde os recursos eram bem escassos, não tínhamos laboratório de informática, não tinha computador para os alunos, a biblioteca era minúscula, isso faz uma diferença total na aprendizagem dos alunos, porque com mais



recursos eles se sentem mais motivados para aprender (Professora Lúcia, escola Dourada).

Os alunos da escola Dourada também reconhecem que o uso de recursos pedagógicos impacta o aprendizado. Uma das alunas disse: “a professora de Matemática dá mais jogos para a gente do que as outras, e a gente aprende muito mais”.

Na escola Turquesa, também houve relatos referentes à influência da infraestrutura no aprendizado. A vice-diretora Luzia, por exemplo, informou que os alunos se sentem muito mais motivados em relação às atividades quando o professor faz uso de um recurso diferente. A professora Carla também relatou aspectos semelhantes. Segundo ela, quando os espaços da escola são bem utilizados, acabam influenciando no desempenho do estudante.

ESCOLAS DE RIBEIRÃO DAS NEVES

Na escola Lilás, a diretora reconhece a existência da relação entre infraestrutura e desempenho. Em um de seus relatos, disse: “eu acho que todos esses recursos influenciam muito, porque hoje é tudo digital, hoje a tecnologia está avançada e a escola tem que acompanhar isso”.

Informou que as escolas, de modo geral, estão muito atrasadas em relação ao aluno, pois hoje em dia eles esperam muito mais do que um livro, um caderno e um quadro. Além disso, reconhece que sua escola está muito aquém da infraestrutura desejada para despertar o interesse dos alunos. E isso é algo visível, podendo ser observado tanto nas condições físicas da escola quanto nos resultados obtidos.

Do mesmo modo, na escola Marfim, há um reconhecimento da importância da infraestrutura nas falas da diretora e da professora. A diretora disse que tudo que é concreto é mais fácil da criança lidar, e, nesse sentido, informou: “nós temos jogos, temos blocos lógicos, temos algumas coisas de concreto, principalmente para trabalhar com a criança que tem mais defasagem, quanto mais concreto, mais fácil fica o aprendizado”.

A professora Cláudia também apresentou uma fala parecida, informando que ficar apenas no giz e no papel é muito metódico, é preciso extrapolar. A professora ainda enfatizou a importância do uso de jogos na hora de introduzir algum conteúdo, pois, segundo ela, favorece o raciocínio lógico e o aprendizado do aluno.



Nesta categoria, notou-se uma percepção geral dos atores pesquisados de que a infraestrutura é um fator que impacta o aprendizado dos estudantes, não devendo ser negligenciada. Tanto nas escolas de Belo Horizonte, quanto nas de Ribeirão das Neves, os entrevistados informaram que, quando utilizada de maneira pedagógica, os alunos ficam mais motivados e, conseqüentemente, aprendem mais.

FATORES EXTRAESCOLARES

A literatura educacional evidencia uma forte associação entre a origem sociocultural e econômica dos alunos e o desempenho acadêmico. Os fatores extraescolares são aqueles contextuais, que impactam no processo educativo, mas que a escola possui pouco ou nenhum controle sobre eles (Scheerens, 1990). Nesta categoria, tomou-se como fator extraescolar aquele que se associa ao aluno e à sua família. Assim, houve um agrupamento das falas dos entrevistados que se referem a esses fatores, e foi encontrado na escola Marfim, em relatos da professora Cláudia, menção a eles. A literatura aponta que aspectos elencados pelos professores para explicar os resultados dos alunos, no geral, são atribuídos mais aos fatores extraescolares (Brooke; Cunha, 2012).

Nesse sentido, Cláudia, diversas vezes, se remeteu à família do aluno e ao seu contexto socioeconômico para justificar o desempenho dele na escola. A professora, que também trabalha na rede estadual, comparou os estudantes das duas escolas e revelou que a “clientela” (termo utilizado pela professora) da escola Marfim é mais vulnerável – nela os alunos não possuem um acompanhamento familiar.

A clientela de lá (escola de Belo Horizonte) os pais são mais interagidos com a escola, mais sábios, requer mais, te cobra mais, e aqui os pais colocam na escola e não quer nem saber o que o professor tá dando, vale a sua consciência. Os pais aqui, a única coisa que eles têm é se você fala alto com o filho dele, aí eles vêm pra te bater, mas em termos de conteúdo que me preocupa, ao invés de chegar em casa, conferir o caderno, pra ver o que a professora tá dando, o que meu filho aprendeu, porque que não aprendeu, eles não querem saber não (Professora Cláudia, escola Marfim).

A professora, em muitas de suas falas, relatou uma negligência por parte dos pais em relação à vida escolar do filho. Também relatou um absenteísmo excessivo dos alunos da escola Marfim.



Segundo Soares (2004, p. 90), a participação dos pais na vida escolar de seus filhos, principalmente através de atitudes favoráveis ao trabalho escolar, está muito associada ao desempenho dos alunos. A escola, nesse sentido, deve se esforçar para desenvolver uma boa relação com os pais, evidenciada pela presença voluntária destes em atividades escolares diversas. Porém, ainda de acordo com Soares (2004, p. 90), é bem mais difícil estabelecer uma parceria com pais de nível socioeconômico baixo, pois o ambiente e, sobretudo, os valores da escola, estão mais distantes desses pais, que muitas vezes tiveram uma experiência limitada de escolarização.

Por outro lado, na literatura, o tema da omissão parental aparece como um mito) (Lahire, 1997). Segundo ele, os professores concluem que existe essa negligência, tomando como base a ausência ou invisibilidade dos pais nos espaços escolares, e o comportamento e desempenho acadêmico dos filhos. Contudo, o autor argumenta que há uma preocupação dessas famílias com a escolarização da prole, apesar de partirem de uma lógica diferente da escola, resultando em formas próprias de participação na vida escolar dos filhos.

Nas demais escolas (Dourada, Turquesa e Lilás) não foram identificadas, nas falas dos entrevistados, referências aos fatores extraescolares. Uma hipótese para esse ocorrido é que, apesar de as escolas Turquesa e Lilás terem relatado atender alunos de baixo nível socioeconômico, as proficiências mais baixas concentram-se na escola Marfim. Assim, acreditamos que a professora Cláudia, buscou “justificar” esse baixo desempenho dos alunos, atribuindo parcela da responsabilidade às famílias, uma vez que, segundo ela, “o erro parte da família”.

CONSIDERAÇÕES FINAIS

Este estudo teve início com o processo de definição dos municípios e das escolas, respectivamente. Após a definição das instituições de interesse, elas foram caracterizadas a fim de auxiliar na compreensão final dos dados coletados. O trabalho de campo ocorreu em sequência e contou com a realização de entrevistas com os profissionais e grupo focal com os estudantes. Foi feito o uso de um *software* para analisar os dados obtidos e, por meio dele, foi possível a criação das categorias de análise com base nas respostas dos atores pesquisados.



Os dados obtidos evidenciaram que as escolas de Belo Horizonte, quando comparadas às de Ribeirão das Neves, possuem melhores condições físicas e isso pode ser atribuído a alguns fatores, como contextuais e financeiros. Até mesmo quando se observa a escola Lilás – de infraestrutura mais alta de Ribeirão das Neves – nota-se certa precariedade em relação aos espaços e materiais disponíveis, podendo ser percebida tanto nos discursos dos atores pesquisados quanto nas visitas realizadas às escolas. Esse é um achado interessante, que só foi possível obter por meio da realização do estudo de caso, em que foi analisado *in loco*, diferenças mais pontuais entre as escolas, que é algo que os indicadores de infraestrutura não conseguem captar.

Foi observada, nas quatro escolas, uma percepção geral sobre a forte relação entre infraestrutura e desempenho. Porém, também foi vista uma grande lacuna entre a existência e o uso pedagógico dos recursos, comprometendo, assim, o desempenho acadêmico dos alunos. Por exemplo, em muitos casos, relataram possuir o espaço, mas não ter uma pessoa responsável, impossibilitando a sua utilização. Ou então, ter o material, mas estar estragado, ou apresentar algum dano, impedindo o seu uso. Dessa maneira, foi reforçada a hipótese de que a existência do recurso por si só não é condição suficiente para que faça diferença no aprendizado.

A escola que apresentou mais relatos acerca do uso pedagógico que fazem dos recursos disponíveis foi a Dourada; em contrapartida, nas escolas Turquesa, Lilás e Marfim, esses relatos não foram frequentes. Além disso, a única que não se queixou da insuficiência de recursos financeiros foi a escola Dourada; as demais informaram não receber verba suficiente, o que acaba prejudicando os investimentos necessários na infraestrutura da escola e, consequentemente, o aprendizado dos alunos.

Em relação aos professores, notou-se que, apesar de reconhecerem a carência de recursos físicos como um possível problema de aprendizagem, atribuem maior importância aos fatores extraescolares, principalmente naquelas escolas que atendem alunos de baixa renda, como é o caso da escola Marfim, em que a professora atribui parcela da responsabilidade à família, pois, segundo ela, há uma negligência dos pais em relação à vida escolar do filho.



REFERÊNCIAS

ALVES, Maria Teresa Gonzaga *et al.* Desigualdades de aprendizado entre alunos das escolas públicas brasileiras: evidências da Prova Brasil (2007 a 2013). **Série Debates Ed**, n. 5, 2017. Disponível em: <https://unesdoc.unesco.org/ark:/48223/pf0000260630>. Acesso em: 27 set. 2024.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga; FRANCO, Creso. A pesquisa em eficácia escolar no Brasil: evidências sobre o efeito das escolas e fatores associados à eficácia escolar. *In*: BROOKE, Nigel; SOARES, José Francisco (org.). **Pesquisa em eficácia escolar: origem e trajetórias**. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008. p. 482-500.

ALVES, Maria Teresa Gonzaga *et al.* Índice socioeconômico das escolas de educação básica brasileiras. **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 22, n. 84, p. 671-704, jul./set. 2014. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/5mxhCjNhcVqywzyk79QdfPj/>. Acesso em: 27 set. 2024.

ALVES, Maria Tereza Gonzaga *et al.* **Desigualdades de aprendizado entre alunos das escolas públicas brasileiras**: evidências da Prova Brasil (2007 a 2013). Relatório de pesquisa. Brasília: UNESCO, 2017.

BARBOSA, Maria Eugénia Ferrão; FERNANDES, Cristiano. A escola brasileira faz diferença? Uma investigação dos efeitos da escola na proficiência em Matemática dos alunos da 4ª série. *In*: FRANCO, Creso (org.). **Promoção, ciclos e avaliação educacional**. Porto Alegre: ArtMed, 2001. p.155-172.

BOURDIEU, Pierre; PASSERON, Jean-Claude. **A Reprodução**: elementos para uma teoria do sistema de ensino. Rio de Janeiro: Francisco Alves, 1975.

BROOKE, Nigel; CUNHA, Maria. Amália. **Professores dos anos iniciais**: perfis em mudança. Belo Horizonte: Ed fino traço, 2012.

BROOKE, Nigel. SOARES, José Francisco. **Pesquisa em eficácia escolar**: origem e trajetórias. Belo Horizonte: Editora UFMG, 2008.

COLEMAN, James *et al.* **Equality of Educational Opportunity**. US Government Printing Office. Washington DC. 1966.

DUARTE, Jesús *et al.* **School infrastructure and learning in Latin American elementary education**: an analysis based on the Serce. Inter-American Development Bank, 2011.

FRANCO, Creso *et al.* Qualidade e equidade em educação: reconsiderando o significado de "fatores intra-escolares". **Ensaio: Avaliação e Políticas Públicas em Educação**, Rio de Janeiro, v. 15, n. 55, p. 277-298, 2007. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ensaio/a/xmrGSs8Y9Cx8dYTVHtWFwfl/>. Acesso em: 27 set. 2024.



FRANCO, Creso; BONAMINO, Alicia. A pesquisa sobre característica de escolas eficazes no Brasil: breve revisão dos principais achados e alguns problemas em aberto. **Educação on-line: Revista do Programa de Pós-graduação em Educação**, Rio de Janeiro, v. 1, p. 1-13, 2005. Disponível em: <https://educacaoonline.edu.puc-rio.br/index.php/eduonline/article/view/1850/609>. Acesso em: 27 set. 2024.

LAHIRE, Bernard. **Sucesso Escolar nos Meios Populares**: as razões do improvável. Tradução: Ramon Américo Vasques e Sonia Goldfeder. São Paulo: Ática, 1997.

LIBÂNEO, José Carlos *et al.* **Educação escolar**: políticas, estrutura e organização. 6 ed. São Paulo: Cortez, 2008.

MARRI, Izabel *et al.* Infraestrutura escolar e desempenho educacional em Minas Gerais: possíveis associações. **Encontro nacional de estudos populacionais**, v. 28, 2012. Disponível em: https://files.alapop.org/congresso5/files/pdf/alap_2012_final336.pdf. Acesso em: 27 set. 2024.

MARZOCCHI, Maura; OLIVEIRA, Adalia. Interlocução entre autonomia escolar e desempenho: Quais as analogias possíveis? *In*: XIV CONGRESSO BRASILEIRO DE SOCIOLOGIA. **Anais [...]**. Rio de Janeiro: SBS, 2009.

SCHEERENS, Jaap. School effectiveness research and the development of process indicators of school functioning. **School Effectiveness and School Improvement**, v. 1, n. 1, p. 61-80, 1990. DOI: 10.1080/0924345900010106.

SCHNEIDER, Mark. **Do school facilities affect academic outcomes?** National Clearinghouse for Educational Facilities (NCEF). Educational Resources Information Center (ERIC). Washington, DC. Department of Education, 2002.

SIMIELLI, Lara Elena Ramos. Equidade e oportunidades educacionais: o acesso a professores no Brasil. **Arquivos Analíticos de Políticas Educativas**, v. 25, n. 46, 2017.

SOARES, José Francisco. O efeito da escola no desempenho cognitivo de seus alunos. **REICE: Revista Iberoamericana sobre Calidad, Eficácia y Cambio em Educación**, v.2, n.2, p. 83-104, 2004. DOI: 10.15366/reice2004.2.2.006.

SOARES, José Francisco.; ALVES, Maria Teresa Gonzaga. Desigualdades raciais no sistema brasileiro de educação básica. **Educação e Pesquisa**, v. 29, p. 147-165, jan./jun. 2003. DOI: 10.1590/s1517-97022003000100011. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/ep/a/JDpHpqdd5J57TxPhXW8mLcg/>. Acesso em: 27 set. 2024.

SOARES, Tufi Machado. Modelo de 3 níveis hierárquicos para a proficiência dos alunos de 4ª série avaliados no teste de língua portuguesa do SIMAVE/PROEB-2002. **Revista Brasileira de Educação**, São Paulo, v. 29, p. 73-87, 2005. DOI: 10.1590/s1413-24782005000200007. Disponível em:



<https://www.scielo.br/j/rbedu/a/3f4Z9X6Ty8HLJH66Q7MD8sn/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2024.

SOARES, José Francisco *et al.* Determinantes de desempenho dos alunos do ensino básico brasileiro: evidências do SAEB de 1997. *In: Franco, Creso (org.). Avaliação, ciclos e promoção na educação.* Porto Alegre: Artmed, 2001. p. 121-153.

SOARES NETO, Joaquim José *et al.* A infraestrutura das escolas públicas brasileiras de pequeno porte. **Revista do Serviço Público - RSP**, Brasília, v. 64, n. 3, p. 377-391, 2013. DOI: 10.21874/rsp.v64i3.129. Disponível em: <https://revista.enap.gov.br/index.php/RSP/article/view/129>. Acesso em: 27 set. 2024.

SOARES NETO, Joaquim José *et al.* Uma escala para medir infraestrutura escolar. **Estudos em Avaliação Educacional**, São Paulo, v. 24, n. 54, p. 78-99, jan./abr. 2013. DOI: 10.18222/ea245420131903. Disponível em: <https://publicacoes.fcc.org.br/ea/article/view/1903>. Acesso em: 27 set. 2024.

TEIXEIRA, Roberta Araújo. Espaços, recursos escolares e habilidades de leitura de estudantes da rede pública municipal do Rio de Janeiro: estudo exploratório. **Revista Brasileira de Educação**, v. 14, n. 41, p. 232-390, mai./ago. 2009. DOI: 10.1590/S1413-24782009000200003. Disponível em: <https://www.scielo.br/j/rbedu/a/4q6ZFyzvWZVfx9PkGwYvbPP/abstract/?lang=pt>. Acesso em: 27 set. 2024.

UNESCO. **Qualidade da infraestrutura das escolas públicas do ensino fundamental no Brasil.** Brasília: UNESCO, 2019.

UNESCO. **Incheon Declaration.** Education 2030: towards inclusive and equitable quality education and lifelong learning for all. Paris, 2015.

YOUNG, Ed *et al.* **Do K-12 school facilities affect education outcomes?** A staff information report. Tennessee: The Tennessee Advisory Commission on Intergovernmental Relations – TACIR, 2003.